

PRÊMIO ESTADO/UNESCO - 2002

Joedson Alves/AE

Nesta página, reportagem vencedora do prêmio, produzida por Maira, estudante da Unesp

MAIRA REGINA G. ESCOVAR

*Kixovóku Kopenoti Terenoe.* Nenhuma criança terena da reserva indígena de Araribá, no município de Avaí, interior de São Paulo, conseguiria entender o significado dessas palavras. Seus pais até compreenderiam o sentido geral da frase, mas apenas seus avós explicariam que *Kixovóku Kopenoti Terenoe*, na língua terena, significa: *A maneira de viver dos índios terenas.*

Nas tribos de Araribá, como em quase todas as 215 sociedades indígenas que vivem hoje no Brasil, a população não consegue mais preservar sua língua e muitos de seus costumes. "A população de Araribá é extremamente influenciada pela cultura do não-índio. Eles sofrem essa pressão e muitas vezes questionam o que é ser índio e o que é ser branco", explica Dorival José Coral, coordenador, desde 1996, dos Projetos em Comunidades Indígenas da Universidade do Sagrado Coração.

Diferentemente de seus antepassados, os índios do posto de Araribá lutam para sobreviver trabalhando na cidade. Um ônibus fretado pela prefeitura de Avaí, município localizado a 42 km de Bauru, transporta diariamente os índios que saem de suas terras para trabalhar e estudar.

A maioria dos homens e algumas das mulheres trabalham como bóias-frias, em canaviais da região, em jornadas de 12 horas diárias, o que inviabiliza a convivência com sua comunidade. Recebem, em média, R\$ 5,00 por dia, o que, segundo as índias de Araribá, não dá nem para pagar as contas do armazém, onde o marido compra o básico: óleo, sardinha em lata, macarrão e sabão. "A remuneração do bóia-fria é muito baixa. E ele ainda perde na transmissão da cultura. O pai de família levanta às quatro horas da manhã e volta quando o filho já está dormindo. Mesmo que o pai e a mãe falem a língua, não a ensinam aos filhos. As crianças só sabem o português, que falam com os amigos", constata Ednilson Sebastião, chefe do posto indígena Kopenoti da Fundação Nacional do Índio (Funai).

Em vez de estarem em contato com suas famílias, hábito tradicional indígena, as crianças passam a maior parte do dia em suas casas assistindo televisão e ouvindo rádios de cidades vizinhas. "Estamos ao redor de grandes centros urbanos, Bauru e Avaí, e a situação que o índio enfrenta para trazer sustento para a família nos torna aculturados, mas dentro de nós tem a cultura", comenta o terena Ednilson. "As vezes a gente esquece que o mais importante para nós é a nossa cultura. Do artesanato, do idioma, da dança e até da comida típica."

Em contrapartida, os próprios índios incentivam seus filhos a aprender a língua portuguesa e estudar nas cidades. "A gente tem que saber português para poder se defender dos brancos e até ganhar dinheiro",



# CULTURA INDÍGENA ESTÁ DESAPARECENDO

Índios, uma cultura com raízes na origem do Brasil. A preservação de suas línguas envolve trabalhos e chega também ao rádio

justifica Ednilson. Muitas vezes, as próprias crianças não aceitam praticar a língua terena. "Os pequenos não entendem. Eles perguntam porquê falar terena, se na cidade as pessoas riem quando eles falam", conta Ednilson, explicando que, no entanto, mesmo indo para as cidades, os índios não conseguem bons empregos e enfrentam diariamente o preconceito dos brancos. "As famílias querem ir para a cidade buscar riquezas, que vêem na tv, mas acabam voltando porque não se acostumam com a vida de lá", lembra o chefe de Kopenoti. Num país onde ser índio está associado diretamente a uma imagem exótica, a ausência de enfeites com penas, o uso de roupas surradas e até a falta de dentes, faz com que os índios, na cidade, sejam confundidos com mendigos. Assim como Galdino Pataxó, o índio que foi queimado e morto em abril de 1997, em Brasília, confundido com um mendigo.

Os indígenas de Araribá re-

indicam a expansão da área da reserva para que possam sobreviver dentro da própria aldeia através da agricultura, da caça, da pesca e do artesanato, como tradicionalmente estavam acostumados. Entretanto, segundo o representante da Funai, eles não encontram o apoio do governo federal nem da própria Fundação, que atualmente não consegue desenvolver qualquer tipo de projeto na área. "O pouco que tem, a gente tá usando para melhorar a agricultura e buscar renda para a comunidade. Mas é insignificante. É preciso buscar ajuda em outros órgãos", argumenta.

Além do apoio de outras instituições para que os índios mantenha-se trabalhando na própria aldeia, é importante que o Patrimônio Nacional da cultura indígena seja preservado. "Eu acho que a melhor saída é resgatar o que de forte eles têm na cultura. E isso você não vai resgatar nos adultos, nem nos jovens, mas sim nos idosos que ainda vivem na aldeia. Só eles podem salvar a riqueza dessa comunidade, porque os índios adultos já não falam mais terena", avalia o coordenador do Projeto Araribá.

## Os guaranis e os terenas

Criado no início do século 20, o posto de Araribá tinha como objetivo abrigar um grupo com cerca de 900 guaranis que viviam na região. Porém, em 1919, o posto encontrava-se praticamente desabitado, devido a um surto de gripe espanhola que dizimou mais da metade da população.

Para reocupar os 890 alqueires de terras, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) trouxe do Mato Grosso do Sul as primeiras famílias de índios terena, no final da década de 20. "Umás vinte famílias foram trazidas com o objetivo de segurar a reserva e desenvolver o projeto agrícola, pois os Guaranis trabalham mais o artesanato e nós, terenas, estamos acostumados com a agricultura", explica o chefe de Kopenoti.

Com a vinda dos terenas, a reserva passou a abrigar duas aldeias: a Kopenoti, onde vivem atualmente 320 terenas, e a Nimuendaju, que conta hoje com cerca de 180 guaranis. "Quando meus avós chegaram aqui, plantaram muito arroz e algodão", conta Ednilson. Também os Guaranis produziram muitas peças de artesanato com as plantas que ainda existiam na região.

A exploração da terra pelos próprios índios, no entanto, provocou a extinção das matérias primas necessárias tanto para a agricultura quanto ao artesanato. "Ao mesmo tempo em que você pensa na agricultura, você desmata as terras. E hoje não tem quase nenhuma matéria prima nas terras. A área está ficando pequena para o índio. A área é grande em extensão, mas não é rica", esclarece Ednilson.

## Rádio Comunitária, na língua de Araribá

Um grupo de alunos dos cursos de Rádio e TV, Jornalismo e de Educação Artística da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (Unesp), Campus de Bauru, desenvolve, há um ano, o projeto de extensão "Identidade, Diferenças e Interação - Oficinas de arte-comunicação-educação para o ensino da linguagem radiofônica", com o objetivo de instalar uma rádio comunitária na Aldeia Terena. "É necessário que se faça essa ponte entre a Universidade e a Comunidade", diz o aluno de Rádio e TV Alessandro Taques Martins, que participa do projeto.

Na primeira parte do projeto de extensão, os alunos pretendem montar uma oficina para que os próprios índios aprendam a trabalhar com a emissora de rádio. "A intenção é que os próprios terenas produzam os programas na língua deles e os transmitam pela rádio", afirma Alessandro.

Segundo os alunos da Unesp, a rádio seria um agente fundamental na luta pela perpetuação do idioma terena dentro da aldeia. A rádio iria incentivar o uso da língua e complementar a educação dos pequenos índios, explica Pedro Rocha, aluno de Rádio e TV.

O projeto pretende instalar um sistema de rádio que possa ser transmitido para toda a tribo. "Nossa intenção é que as crianças acordem e, ao invés de ouvirem programas de rádios de cidades vizinhas, escutem um bom dia, na língua terena", adianta Alessandro.

## Prêmio dá a Maira viagem para Paris

Maira Regina Garcia Escovar, de 22 anos, que conclui neste ano o Curso de Jornalismo na Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (Unesp), Campus de Bauru-SP, é a vencedora do 2.º Prêmio Estado/Unesco com a reportagem aqui publicada. Ela ganha como prêmio uma viagem a Paris, onde conhecerá a sede da Unesco. Menções honrosas indicadas pela comissão julgadora do programa que tem o apoio do Ministério da Cultura: Fábio Fabrini, da PUC-MG, de Belo Horizonte, e Joana Côrtes, da Universidade Federal de Sergipe, de Aracaju.

Em sua segunda edição, em 2002, o Prêmio Estado/Unesco para Formandos em Jornalismo ampliou a sua atuação: puderam participar estudantes do 4.º ano de Jornalismo não só do Estado de São Paulo como de todo o Brasil. Inscrições de 18 Estados foram recebidas. O tema do prêmio deste ano foi Patrimônio Cultural Imaterial. O representante da Organização das Nações Unidas para a Educação, as Ciências e a Cultura (Unesco) no Brasil, Jorge Werthein, explica que seu organismo incentiva a preservação de bens culturais materiais e imateriais. A Unesco advertiu sobre os problemas de Ouro Preto.

Neste suplemento especial do Curso Intensivo de Jornalismo Aplicado do Grupo Estado, a última página é toda do Prêmio Estado/Unesco.